

Dívida Externa

# GAZETA MERCANTIL

Terça-feira, 20 de junho de 1989

O governo mexicano, através de seus negociadores oficiais da dívida externa do país, avisou ao comitê de bancos que o México esperará até o final deste mês de junho para uma solução do problema de sua dívida, que, a exemplo da de outros países endividados, passa também pela sua redução e consequente diminuição de pagamento dos juros aos credores, caso contrário, suspenderá a partir de então todos os pagamentos.

Apontado como um dos devedores prioritários para auferir os benefícios do Plano Brady, a presente situação em que se encontra o México leva necessariamente ao questionamento não só da validade do próprio plano como também e principalmente nos deixa a questão de se realmente os bancos credores acreditam ou apostam numa solução positiva e de interesse global para o problema da dívida externa.

Em primeiro lugar, como já observamos em editoriais anteriores, o Plano Brady sofre contrariedade dos bancos no que toca ao seu principal ponto, ou seja, a redução da dívida dos devedores beneficiários da proposta americana. Os bancos consideram arriscado para

## Lobo em pele de cordeiro

seus negócios a iniciativa da redução do estoque da dívida, tanto no que toca a possíveis perdas imediatas que se transformariam em ganhos para o concorrente que não fosse o primeiro a aceitar a redução dos créditos como também no que tange à possibilidade de recebimento de créditos futuros do país devedor que teria sua dívida aumentada a longo prazo.

A discussão contábil, que os bancos privados internacionais travam, na realidade passa pela busca de uma fórmula para evitar o possível prejuízo. Essa fórmula, ao contrário do que se supõe, não é nem um pouco obscura ou de grande dificuldade de compreensão. Os bancos intentam a mais antiga forma de evitar prejuízos, ou seja, socializá-los ou, mais claramente, forçar os governos dos países centrais e instituições multilaterais de crédito a bancar de qualquer forma os prováveis prejuízos decorrentes da operação de redução da dívida sugerida pelo Plano Brady.

É no mínimo curiosa a observação de que,

pelo menos nesse ponto, o capitalista dos países centrais se assemelham aos nossos. Ambos vêm o governo, ou o erário público, como o melhor financiador de seus desastres negociais — se é que no caso da dívida externa esta possa ser considerada um mau negócio para a Banca Internacional. Daí que, para isso, os bancos forciam o impasse, apostam no pior, uma crise que coloque em xeque a estabilidade do sistema financeiro internacional, o que certamente, na opinião dos banqueiros, forçaria os governos a intervir, o que seguramente traria mais lucros à Banca Internacional.

A mágica de Wall Street é muito simples. A receita consiste em pegar títulos de uma dívida desacreditada, não aceitar sejam resgatados pelo seu valor real de mercado e apenas pelo seu valor de face, misturá-los com títulos sadios, forçar o impasse não aceitando negociar sobre bases reais, tudo isto sob a justificativa de que inocentemente emprestaram e portanto devem receber. A partir daí, criada

a crise, posto o sistema em xeque, esperam os banqueiros uma saída política para com a audiência dos governos de socializar as possíveis perdas.

O lobo parece, como na fábula, usar pele de cordeiro, e para tanto quer que se esqueçam velhas e boas regras de mercado. Se é verdade que quem paga mal paga duas vezes, que nos parece ser o caso dos países devedores, também é correto que quem empresta mal corre o risco de nunca receber, posição que, embora dela discordemos, nos parece a eleita pelos bancos credores.

Assim são os banqueiros, chantageiam com a crise sempre que se sentem minimamente ameaçados. Contrários à criatividade, alheios a qualquer rasgo mínimo de imaginação, como no caso do modesto Plano Brady, insistem em encenar um velho texto no palco em que se tornou de há muito o sistema financeiro internacional. Esquecem-se os velhos atores desse detestável folhetim que espetáculos desse tipo estão fadados a ficar sem platéia ou, o que pode ser pior, irritar a assistência, que, cansada, pode optar por atitudes mais drásticas do que a simples vaia.